



“Mãos que se entrelaçam para construir o futuro”: narrar e artistar à docência nos devires de uma formação continuada

“Manos que se entrelazan para construir el futuro”: narrar y artistificar la docencia en los devenires de la formación continua

Erick Igor Mousinho de Souza¹

<https://orcid.org/0009-0005-3712-8379>

Franklin Kaic Dutra-Pereira²

<https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>

Recebido em: 19/05/2026

Aceite em: 11/06/2026

Resumo

Este artigo cartografa experiências formativas tecidas entre narrativas e artistagens na formação continuada de professores/as de Ciências da Rede Municipal de João Pessoa (PB). Ao invés de percorrer trilhas lineares e prescritivas, aposta-se em percursos rizomáticos que emergem dos encontros entre corpos, memórias, políticas e desejos. O objetivo consiste em compreender como as narrativas docentes, produzidas por meio de expressões artísticas coletivas, revelam concepções, trajetórias e modos singulares de habitar a docência. Parte-se do pressuposto de que narrar e artistar experiências constitui um ato de resistência e invenção, capaz de tensionar políticas formativas padronizadoras, como a BNCC e a BNC-Formação. A investigação, de natureza qualitativa e descritiva, fundamenta-se nos Estudos Culturais e foi realizada em um encontro formativo com cerca de 90 docentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A metodologia privilegiou a criação coletiva de produções artístico-narrativas, compreendidas como dispositivos de fabulação e pensamento. As obras revelaram linhas de força múltiplas: colaboração entre pares, diversidade de percursos, afetos partilhados, enfrentamentos cotidianos e metáforas potentes – como árvores, raízes e ramificações – que cartografam vínculos, aprendizagens e devires docentes. Nesse sentido, emergiram discussões sobre a importância de uma ciência crítica e engajada, comprometida com justiça social, ambiental, cultural e científica. Conclui-se que narrar e artistar intensificam o pertencimento e produzem territórios inventivos de formação, aproximando universidade e escola pública. Entre narrativas e artistagens, a docência em Ciências se fabula como campo de criação e resistência.

Palavras-chave: cartografia; formação continuada; narrativas docentes; artistagens; ensino de ciências.

¹ Universidade Federal da Paraíba. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação. Licenciado em Matemática, UFPB. Integrante do COM-FABULAÇÕES. erick.souza@academico.ufpb.br

² Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Ensino de Ciências e Matemática (UFRN). Professor do PPGE e PROFQUI da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do COM-FABULAÇÕES. franklin.kaic@academico.ufpb.br





Resumen

Este artículo cartografía experiencias formativas entrelazadas entre narrativas y artesanías en la formación continua de profesores de Ciencias de la Red Municipal de João Pessoa (PB). En lugar de seguir caminos lineales y prescriptivos, se apuesta por recorridos rizomáticos que surgen de los encuentros entre cuerpos, memorias, políticas y deseos. El objetivo es comprender cómo las narrativas docentes, producidas a través de expresiones artísticas colectivas, revelan concepciones, trayectorias y modos singulares de habitar la docencia. Se parte del supuesto de que narrar y articular experiencias constituye un acto de resistencia e invención, capaz de tensionar políticas formativas estandarizadoras, como la BNCC y la BNC-Formação. La investigación, de naturaleza cualitativa y descriptiva, se basa en los Estudios Culturales y se llevó a cabo en un encuentro formativo con cerca de 90 docentes de los últimos años de la enseñanza fundamental. La metodología privilegió la creación colectiva de producciones artístico-narrativas, entendidas como dispositivos de fabulación y pensamiento. Las obras revelaron múltiples líneas de fuerza: colaboración entre pares, diversidad de trayectorias, afectos compartidos, enfrentamientos cotidianos y metáforas potentes – como árboles, raíces y ramificaciones – que cartografían vínculos, aprendizajes y devenires docentes. En este sentido, emergieron discusiones sobre la importancia de una ciencia crítica y comprometida, orientada por la justicia social, ambiental, cultural y científica. Se concluye que narrar y articular intensifican el sentido de pertenencia y producen territorios inventivos de formación, acercando la universidad y la escuela pública. Entre narrativas y artísticas, la docencia en Ciencias se fabula como un campo de creación y resistencia.

Palabras clave: cartografía; formación continua; narrativas docentes; artísticas; filosofía de la diferencia; enseñanza de las ciencias.

Introdução

Tornar-se professor ou professora não é seguir uma linha reta, nem escalar degraus bem definidos rumo a um suposto ápice de competência. Há mais curvas, desvios e encontros do que manuais podem prever. O exercício docente vai se tecendo em meio a forças múltiplas: entre políticas e currículos oficiais, entre normativas e improvisos e entre expectativas externas e desejos íntimos. A docência nasce e renasce nesses entremeios, nas brechas em que a vida insiste em atravessar a escola e deixar marcas.

Cada trajetória de professorado carrega consigo uma tessitura única, feita de memórias, experiências partilhadas e invenções cotidianas. São percursos que não cabem em cronogramas rígidos nem em planos de formação lineares. Há quem chegue à docência por caminhos tortuosos; há quem permaneça porque se afetou por um olhar, uma pergunta inesperada e/ou uma sala cheia de vozes inquietas. A condição docente pulsa entre o que nos foi legado e aquilo que ousamos criar.





Nesse contexto, as narrativas de vida profissional emergem como potenciais territórios de compreensão. Ao narrar o experienciado, abrimos espaço para compreender não apenas como nos aproximamos da sala de aula, mas também o que nos move a permanecer nela. As histórias que contamos e escrevemos não são apenas registros de fatos: são formas de pensar com o vivido, de criar sentidos, de costurar o passado ao presente, de projetar futuros possíveis para a educação.

Sob essa ótica, as narrativas da vida profissional podem se constituir como possibilidade(s) para o entendimento de como nos tornamos professores/as e o que nos move a continuar no exercício da docência. Isso é possível na medida em que se trabalha com a subjetividade do/a professor/a e suas próprias experiências vividas no contexto escolar, relacionando os relatos a outras instâncias com as de nível sistêmico: políticas, diretrizes, normativas, por exemplo.

Quando um/a docente se narra, ele/a mobiliza afetos, questiona certezas, atualiza memórias. A palavra escrita, falada ou silenciada se torna ferramenta de escuta de si e do mundo. O ato de narrar é, assim, um gesto político e inventivo, um modo de habitar o magistério com intensidade e consciência. Não se trata de confissões intimistas, mas de abrir fissuras por onde possam passar ventos outros, experiências outras, mundos outros.

Dessa forma, o ato de narrar(se) vai além do mero registro de memórias, pois,

Para além de se tratar de histórias de vida de docentes [...], os registros escritos expressam visões de/sobre o mundo daquelas e daqueles que as escrevem, interpretam quem e o que narram e apresentam reflexões por meio de narrativas lidas/escritas/faladas (Dutra-Pereira; Tinôco; Bortolai, 2022, p. 148).

Nessa perspectiva, a docência pode ser compreendida como um campo de artistagens, conforme propõe Sandra Corazza (2006). O/a professor/a, mais do que mero/a transmissor/a de conteúdos, atua como artista-pesquisador/a, alguém que cria e recria o próprio fazer educativo a partir de materiais singulares: vozes, afetos, gestos, narrativas, corpos, espaços. Artistar não é embelezar o cotidiano escolar, mas compô-lo como quem monta uma cena sempre provisória. É neste emaranhado que podemos artistar a docência, sobretudo de Ciências, tensionando currículos, desestabilizando certezas, abrindo frestas para o imprevisível. A artistagem docente, para tanto, inventa territórios de aprendizagem onde antes havia apenas trilhas institucionais.



Essa prática inventiva dialoga com a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), para quem pensar não é reproduzir o já sabido, mas criar conceitos, traçar linhas de fuga, experimentar novas conexões. A docência em Ciências, dessa maneira, não é uma forma fixa, mas um devir: um campo rizomático em que múltiplos fluxos, sejam políticos, afetivos, epistemológicos ou culturais, se entrelaçam e produzem novas possibilidades de existir e de aprender. Ensinar Ciências, nesse sentido, é também um ato de fabulação: narrar e viver mundos ainda não inteiramente dados, deixar-se atravessar por aquilo que escapa ao controle e ao planejamento.

Desse modo, a possibilidade de narrar ao artistar as experiências de si mesmo na docência ou de suas concepções de ensino viabilizam a valorização do profissional do magistério da Educação Básica, por muitas vezes deixado de lado na formulação de políticas de formação de professores/as, a exemplo da

[...] aprovação das atuais diretrizes – Resoluções CNE/CP n.º 2 de 20 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019) e CNE/CP n.º 1 de 27 de outubro de 2020 (BRASIL, 2020), que tratam separadamente da formação inicial e da formação continuada de professores – rompe com as conquistas obtidas demarcando uma contrarreforma, [...] o que se configura em um retrocesso (Zucchini, Alves, Nucci, 2023, p. 3).

Nesse cenário, entra em evidência a nossa participação nos encontros de formação continuada voltados aos/as professores/as de Ciências da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa – Paraíba. Essas ações foram/são desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Formação Docente Continuada na Educação Infantil e nos Anos Finais do Ensino Fundamental: Práticas Colaborativas e Inovadoras para o Desenvolvimento Curricular”, resultado de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Convênio nº 2131.11.0623 UFPB/PMJP.

É nesse contexto que as narrativas artistadas da vida profissional de quem ousa ensinar Ciências se apresentam como agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze; Guattari, 2011) para compreender as formas singulares pelas quais nos aproximamos, habitamos e reinventamos a docência. Ao narrar-se, o/a professor/a não apenas revisita o passado, mas cria sentidos no presente e projeta novos futuros possíveis. Cada relato carrega a vibração das experiências vividas, dos afetos partilhados, das práticas que se fazem e se desfazem no



cotidiano escolar. A narrativa docente é uma cena de artistagem: um espaço de criação em que se mistura memória, desejo e pensamento.

Esse agenciamento coletivo, por sua vez, vai além da soma das partes daquelas que a compõem, é espaço de encontro de diferentes visões (Guattari, 2011). Pensar esse agenciamento no ensino de ciências, portanto, é partir do princípio de que o conhecimento não é unidirecional, mas múltiplo que nasce dessa coletividade que se preocupa em ter uma conversa complicada nas ciências (Dutra-Pereira, 2025).

Assim, nos deparamos com as seguintes indagações: como em um contexto de formação continuada podemos trabalhar com as narrativas docentes? Qual forma de registro é a mais viável dado o grande quantitativo de professores/as, mas sem perder de vista os princípios de se desenvolver as narrativas? O que as narrativas nos indicam sobre ser professor de Ciências?

Com base nesses questionamentos, buscamos, a partir da temática central do encontro formativo “Engajamento Docente”, apostar nas narrativas dos/as professores/as como forma de atingir o objetivo proposto pelo encontro em torno da temática central. Para além disso, optamos por captar essas narrativas através de criações artísticas feitas em grupos, de forma que artistando o ensino de Ciências pudéssemos apontar as experiências formativas dos/as docentes.

Falar de docências em devires entre narrativas e artistagens em Ciências é adentrar um território vivo, instável e vibrátil, onde o ensino tornar-se criação e invenção com os cotidianos escolares. Nessas tessituras, a docência não se fixa em modelos prontos ou currículos prescritos; ela se inventa nas frestas do cotidiano escolar, nos encontros com os/as estudantes, nas experiências que escapam ao controle e fazem nascer novas formas de pensar, sentir e existir na escola.

As narrativas docentes emergem como cartografias sensíveis que dão corpo às memórias e aos movimentos da prática, ampliando percursos singulares e coletivos que atravessam a educação em ciências. As artistagens, no sentido proposto por Corazza (2006), tensionam o instituído e criam cenas pedagógicas inesperadas, instaurando fabulações que alargam os limites do possível. Entre narrar e artistar, o ensino de Ciências se abre a devires: multiplicidades de sentidos, afetos e resistências que fazem da docência uma prática estética, ética e política, capaz de compor outros mundos dentro e fora da escola pública.

Dessa maneira, ao compreender a docência em Ciências como um campo de devires tecidos entre narrativas e artistagens, abrimos caminho para pensar o currículo não como



prescrição, mas como criação compartilhada – movimento que nos conduz à discussão sobre o currículo narrativo em contextos de formação continuada, onde essas experiências ganham forma, força e sentido coletivo.

O currículo narrativo em contexto de formação continuada: artistando à docência no ensino de ciências

Defendemos aqui que a trajetória de cada professor/a é única e significativa, de forma que a valorização da experiência profissional pode ser constituída (mas não somente) por processos que oportunizam diferentes modos de refletir sobre/com a formação (Nóvoa, 2022). Assim, sugerimos que, quando possível, momentos de formação continuada proponham situações pedagógicas que incluam memórias e narrativas docentes.

Nesse contexto, a ideia de *currículo narrativo* se estabelece como uma “potente forma de se compreender as múltiplas e complexas práticas que se desenrolam nos espaços educacionais, salientando a importância das histórias de vida” (Moura, 2022, p. 277). De forma específica neste artigo, abordamos as narrativas em grupos no intuito de enxergar na coletividade traços marcantes da profissionalidade, ao mesmo tempo em que a subjetividade pode ser percebida a partir da contribuição de cada docente para a construção da obra final.

A partir disso, pensando no contexto de formação continuada, vamos ao encontro com um questionamento potente: “como falar sobre ensinar Ciências nos dias de hoje sem falar da Ciência que acredito e que defendo?”. Nessa lógica, se queremos pensar num processo de formação contínua na qual os/as profissionais do magistério se sintam participantes ativos e produtores de conhecimento e não meramente reprodutores de práticas, a abordagem do currículo narrativo se torna um aparato possível em tempos de negação da ciência. Essa alternativa nasce da possibilidade de se trabalhar uma ciência que faça sentido ao contexto de atuação do/a docente, que vá além de uma base geral e que reflita um currículo identitário.

Nesse pensamento, trabalhar com as artistagens de narrativas no ensino de Ciências é trabalhar uma ciência viva, uma ciência transgressora que combate a desinformação e busca uma sociedade mais justa e igualitária. As narrativas nesse aspecto nos permitem pensar sobre em que lugar nos encontramos nesse processo de formar cientificamente adolescentes. Além disso, pensando a formação como esse espaço para o desenvolvimento curricular da nova proposta do município de João Pessoa, acreditamos que o ato de narrar(se) ao alinhar-se com o



currículo narrativo, permite a superação de currículos prescritivos baseado em cumprir metas muitas vezes desconexas da realidade não só do/a educando/a, mas também do/a professor/a.

Ainda nesse aspecto de currículos prescritivos, nos deparamos com as Resoluções CNE/CP n.º 2 de 20 de dezembro de 2019 (Brasil, 2019) e CNE/CP n.º 1 de 27 de outubro de 2020 (Brasil, 2020) nas quais a formação docente é baseada na aquisição de competências e habilidades. Além disso, as menções à temática de valorização do magistério apresentam-se de forma restrita e limitada, de forma que não há uma verdadeira valorização do trabalho docente.

Em comparação com essas resoluções, o novo Plano Nacional de Educação (Brasil, 2024) apresenta, em suas metas relacionadas aos/as profissionais da Educação Básica, uma série de estratégias voltadas à articulação entre teoria e prática e ao fortalecimento da classe, por meio de melhorias nas condições de trabalho, como plano de cargos e carreiras, formação continuada e pós-graduação. O novo plano pode, portanto, trazer metas voltadas para os/as professores/as através do regime de colaboração entre União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, apresentando uma outra perspectiva para a formação docente. Entretanto, a persistência em uma formação baseada em competências e habilidades pode fragilizar os objetivos do plano.

Nesse viés, direcionamos nossa proposta de narrativa como uma forma de pesquisa em educação no ciclo formativo que teve como temática o engajamento docente, realizado no mês de comemoração do “Dia da Professora e do Professor DE QUE ANO?” Levamos em consideração que narrar essas histórias é também uma forma de celebrar o trabalho docente ao passo que “[...] ao narrarem, descreverem e escreverem o vivido, imagens da profissionalidade vão se formando e a identidade profissional se constituindo, não devendo portanto, serem ignoradas.” (Dutra-Pereira; Tinôco; Bortolai, 2022, p. 148). Dessa forma, que momento melhor que narrar as histórias de vida docente do que no mês dedicado a eles/as?

Reafirmamos que o ensino de Ciências em tempos de negacionismo e desinformação é uma atitude transgressora e de resistência, sendo uma forma de adiar o fim do mundo como nos convida Ailton Krenak (2019). É preciso, dessa forma, pensar um espaço em que o ensino de Ciências possa ser concebido como uma produção artística.

E se, no fundo, ensinar Ciências fosse uma forma de cuidar do mundo, prolongando sua existência por meio de cada pequeno encontro, de cada diferença respeitada e de cada subjetividade acolhida? Que tipo de ciência desejamos ensinar para que possamos seguir





vivendo e criando novos mundos possíveis? De modo geral, é possível “dar um tom artístico” à docência em Ciências como estratégia para postergar o fim do mundo, compreendendo-a como um conjunto de saberes e fazeres vivenciados por sujeitos que pensam e praticam em seu cotidiano. É fundamental que os/as professores/as de Ciências, no contexto da formação continuada, possam

[...] possibilitar as suas próprias condições de invenção; o que implica engendrar um solo comum às criações originais. Docência, como abertura direta para o jogo da diferença das matérias, engajada em um processo de desdobramento contínuo [...] Docência que consiste ao mesmo tempo, em uma arte, um saber e uma *technai* da tradução, liberta da oposição entre conhecimento arraigado e conhecimento adquirido. (Corazza, 2006, p. 13)

Pensar o desenvolvimento curricular em contexto de formação continuada predispõe a abertura para o diálogo e a produção de conhecimento do/da profissional da educação que atua na efetivação desse currículo. Dessa forma, pensamos a narrativa como possibilidade que nos pode revelar práticas e saberes necessários para uma formação continuada, que quando articulada em um processo em rede e, neste caso, entre os/as professores/as de Ciências, abre a possibilidade para realizar essa concretização de forma artística.

Metodologia

O trabalho com as histórias de vida não significa a ausência de um método para a pesquisa, baseando-se somente no registro das histórias narradas, mas no compromisso de localizá-las em um tempo e lugar coletivo e histórico como forma de potencializá-la. Existe, então, nos Estudos Culturais, a possibilidade de expansão de possibilidades analíticas ao passo que pesquisadores/as abrem mão de repertórios que, em primeira instância, fazem parte da área para que possam assim responder questões atuais (Bonin, *et. al.*, 2020).

Logo, propomos o trabalho com narrativas na/em processos de formação continuada de professores/as de Ciências como uma possibilidade de desdobramento dos Estudos Culturais, reforçando sua capacidade de reinvenção para se articular a diferentes áreas, como a Educação em Ciências na busca de investigar questões atuais. Nesse cenário, os Estudos Culturais assumem papel questionador na formulação de macropolíticas de formação docente de caráter padronizador na Educação. Partindo, assim, das narrativas pela perspectiva de Dutra-Pereira (2019), inserindo-as como uma ferramenta cultural presente em todos os tempos,





territórios e povos, sendo as produções dos/as docentes uma forma de materializar essas narrativas.

Nessa perspectiva, devido à natureza da pesquisa e dos objetivos propostos, apresentamos essa pesquisa com um caráter qualitativo e descritivo (Prodanov e Freitas, 2013), a partir da escolha de trabalhar com as artistagens narrativas de docentes de Ciências da Educação Básica que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental. De forma específica, trabalhamos com a produção de dados e não com a coleta, levando em consideração a criação de obras artistadas, coletivamente, por docentes assoalhando elementos dos seus percursos formativos. Nesse ínterim, partimos do espaço de formação continuada como o lócus da nossa pesquisa, na qual foi possível nos aproximarmos cada vez mais na relação estabelecida entre universidade e escolas públicas.

No encontro formativo, os/as professores/as se organizaram em grupos com o objetivo de tecer suas narrativas docentes através de artistas. Durante o processo de construção, inicialmente houve o esboço da ideia geral, na qual foi necessário pensar uma forma coletiva de expressar as especificidades de cada um/a. Alguns trabalhos que serão apresentados a seguir optaram por realizar uma metáfora que servisse como fio condutor das narrativas.

Para a análise dos dados, utilizaremos o recurso interpretativista à luz dos referenciais teóricos propostos, Guattari (2011), Deleuze (1992), Corazza (2006) e demais que partem da escrita inventiva, versando sobre temas como: currículos, formação docente, identidades profissionais e comunidades. A seguir, apresentamos algumas produções realizadas no encontro formativo em Outubro de 2024, com a participação de em média 90 professores/as que lecionam Ciências nos Anos Finais da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa. Com o fito de discutirmos e realizarmos uma análise proveitosa, optamos por apresentar um recorte de produções artísticas específicas.

Tessituras de narrativas formativas em forma de arte

Neste tópico, as artistagens produzidas serão apresentadas e tensionadas a partir das reflexões e provocações que elas podem gerar. O que as obras podem nos dizer sobre o ensino de Ciências na rede municipal de João Pessoa? O que ela nos revela sobre a formação docentes destes/as educadores/as? É possível aprender e pesquisar para/com a formação docente através das narrativas artistadas?

Iniciamos as provocações pensando uma forma de se materializar o agenciamento coletivo em forma de arte:

É por e em um processo específico de socialização, ligando educação, trabalho e carreira, que essas identidades se constroem no interior de instituições e de coletivos que organizam as interações e asseguram o reconhecimento de seus membros como “profissionais” (Dubar, 2012, p. 354).

Imagem 1 – Mãos docentes que fazem as diferenças



Fonte: Acervo dos Autores.

Escolhemos começar com esse trecho de Dubar (2012) associando com a primeira obra. Nela, a artistagem criada pelos/as autores/as é a de marcar suas mãos como sua assinatura. Cada pessoa com uma cor diferente, cada docente com sua especificidade, mas unidos por algo em comum, ensinar Ciências. Essa união, vinda desse agenciamento coletivo (Guattari, 2011), se expressa na frase central da obra “mãos que se entrelaçam para construir o futuro”.

É perceptível a escolha dos/as docentes envolvidos/as em destacar a importância da colaboração no trabalho docente. Ou seja, os/as autores/as expressam uma concepção de coresponsabilidade na formação dos/as estudantes, e não um trabalho exclusivo do/a docente que resulta em sucesso ou insucesso. Nesse processo, é possível, como afirma Dubar (2012), a construção de uma comunidade profissional na qual o/a professor/a possa se sentir incluído/a e, conseqüentemente, pensar em ações pedagógicas mais duradouras e não exiladas no contexto escolar.

Imagem 2 – Caminhos que bifurcam à docência em contraponto a timidez



Fonte: Acervo dos Autores.

Na figura 2, é destacado um elemento em comum a partir das especificidades de cada autor/a. Isso é possível, pois, “aventurar-se e/ou pesquisar sobre/com narrativas é debruçar-se no mundo das subjetividades e das existências humanas” (Dutra-Pereira; Tinôco; Bortolai, 2022, p. 158). Nos chama a atenção a composição da obra, na qual a partir de suas trajetórias pessoais, os/as professores/as foram levados ao campo das ciências, mais especificamente ao ensino das Ciências.

Nesse processo, para chegar ao ponto de exercício da profissão a qual se encontram hoje, todos tiveram que, de alguma forma, superar sua timidez para que houvesse a efetiva prática profissional. De forma que, com a composição da obra, nos ficam as perguntas: em que momento o/a professor/a em seu processo de formação supera essa possível timidez? Em que momento da graduação em sua licenciatura foi possível romper com essa barreira? Ou será que apenas no pleno exercício é que isso pode ser superado?

Em continuidade à utilização de diferentes escolhas artísticas para expressar as experiências de vida profissional, nas obras a seguir, os/as autores/as optaram em abordar suas trajetórias a partir de uma metáfora com uma árvore. Nas suas produções, são expressas expectativas, motivações e frutos desses trabalhos. Ademais, é possível compreender as raízes dessas árvores como os elementos que os/as levaram ao exercício da docência, sendo o tronco representativo de seus percursos e as folhas, por sua vez, de suas situações atuais, as quais evidenciam temáticas que ora se complementam, ora se contradizem, a exemplo de “aprendizado e superação” em contraposição a “decepção e insegurança”.

Quadro 1 – Conjunto de Obras

Imagem 3 – Artista com as plantas

Imagem 4 – Árvore do sonho ou pode docentes sonhar?

Imagem 5 – O que pode as plantas?

Imagem 6 – Dores e delícias das docências

Fonte: Acervo dos autores.

Os frutos das árvores representam sonhos, alguns que dialogam diretamente com o aprendizado dos/as estudantes, outros mais voltadas para os anseios que os/as professores/as buscam ser atendidos/as. Palavras como “desafio”, “expectativas”, “aprendizado” rechearam as folhas e os frutos das árvores criadas. Além disso, vale ressaltar que as raízes de algumas destas árvores também servem de analogia. Nesse caso, a raiz se trata da escola, na qual apesar das inúmeras dificuldades relatadas pelos/as professores/as, ela ainda é um espaço de cultivo de sementes e, como ilustrado nas obras, diferentes sementes onde cada uma germina ao seu modo.

Na obra “Dores e delícias da docência”, o tronco da árvore é formado por cada profissional que a ajudou a construir. Em seguida, os frutos representam as conquistas, os sabores e os resultados do trabalho docente. Entretanto, há aqueles frutos “contaminados” com “bichinhos”, nos quais as delícias se perdem. Nesses frutos, encontramos palavras como “desafio”, “lutas”, “desânimo” e “frustrações”. Essa obra, em específico, nos convida a pensar em alternativas para a pesquisa em formação docente. Até que ponto a pesquisa realizada de forma tradicional limita os possíveis novos olhares para esse momento de encontro com docentes? E como as artistagens podem se constituir como um caminho para promover uma conversa complicada no ensino de Ciências, a partir das dualidades da profissão?

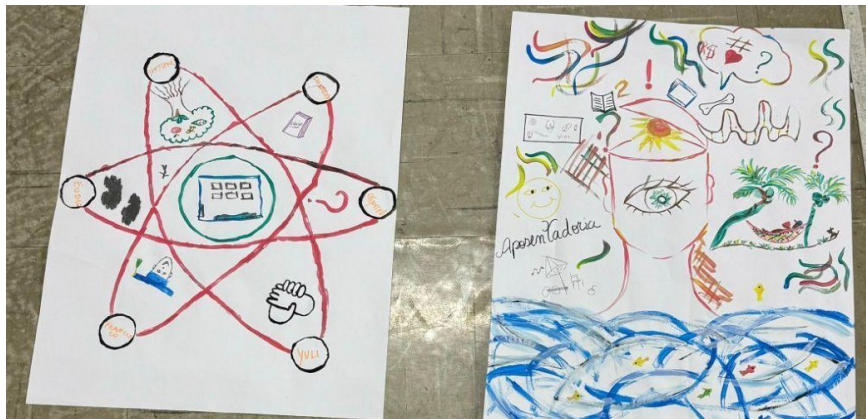
Nas obras a seguir, notamos a inserção de elementos conceituais de diversos campos do ensino das Ciências nos Anos Finais do Ensino Fundamental (Biologia, Física e Química). Isso se dá pelo fato de que todas as três licenciaturas são aptas a lecionar o componente curricular de Ciências nesse segmento. Dessa forma, as artistagens agora nos convidam a pensar na formação como elemento de influência na prática docente. Até que ponto minha formação enquanto professor/a de Ciências Biológicas afeta o ensino de Química? Como lidar com isso frente a uma base comum?

Imagem 7 – Metamorfose da docência



Fonte: Acervo dos Autores.

Imagem 8 – Ciclos que se expandem em diferentes processos e cosmovisões



Fonte: Acervo dos Autores.

Na primeira obra apresentada na imagem 7, encontramos a trajetória de vida que levou a docência sendo representada por um processo de metamorfose. Na imagem 8, encontramos uma representação à esquerda através de um modelo atômico de diferentes elementos componentes da docência, a incerteza representada pela interrogação, os estudos e, ao centro, a escola como o núcleo deste átomo. Na imagem à direita, encontramos uma artistagem composta por diversos elementos inseridos. Diferentemente das demais, essa obra opta por uma abordagem mais caótica, marcada pelo excesso de informações, o que não compromete sua intencionalidade, mas representa uma escolha dos/as autores/as em expressar o objetivo da atividade a partir de diferentes aspectos. Do trabalho ao descanso, passando por um mar intenso e por uma mente representada como um sol. A mente estaria iluminada? Ela é, de fato, iluminada? Nós, enquanto professores/as, potencializamos o sol que habita em nossos/as alunos/as ou o escondemos atrás de uma nuvem?

Dado essas inferências, e outras possíveis à medida que nos aventuramos nas artistagens narrativas de histórias de vida docente, entendemos que o ato de narrar(se) pode se constituir como aliado às pesquisas em Educação, principalmente na discussão de políticas públicas voltadas para a formação continuada de professores/as. Além disso, a proposta se apresentou como uma possibilidade de movimentação na formação continuada de professores/as, assumindo uma postura outra sobre as concepções da docência.

Considerações Finais



O trabalho com as narrativas parte de um contexto em que estamos inseridos, no qual as políticas neoliberais estão enraizadas nas licenciaturas, por meio de projetos como a BNC-Formação de Professores. Dessa forma, as narrativas se configuram como uma transgressão, pois “tornam-se fios condutores para tomadas de decisão referentes ao currículo e ao ensino, configurando-se também como formas de transgressão” (Petrucci-Rosa, 2017, p. 563-564).

Trabalhamos, em suma, a temática do engajamento docente não na perspectiva apresentada pelas resoluções que tratam da formação inicial e continuada de professores/as (Brasil, 2019; Brasil, 2020), mas na ideia de engajamento de forma análoga à valorização docente. Nesse cenário, narrativas são a força motriz para a construção de um ambiente propício à formação contínua, em que é possível falar de um ensino de Ciências a partir da realidade da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa e sempre com o trabalho docente que já vem sendo realizado.

Consideramos, portanto, sem a pretensão de esgotar a temática aqui discutida, que o trabalho com as artistagens narrativas de diferentes histórias que, além de se apresentarem como uma possibilidade de pensar o currículo não só da Educação Básica, mas também das licenciaturas e seus desdobramentos na formação continuada, colabora para a construção de um pertencimento a uma comunidade profissional.

Consideremos o espaço de formação continuada como uma via de diálogo entre escola pública e universidade pública, na qual, em uma perspectiva de colaboratividade, é possível pesquisar e refletir sobre os processos de formação que se desenvolvem nesses espaços. Torna-se possível, então, pensar, como nos provoca António Nóvoa (2022), em um terceiro espaço institucionalizado para viabilizar uma política de formação docente mais colaborativa, que aposte nos pertencimentos, nos afetos e em outras possibilidades de compor com os/as docentes, ou ainda insistiremos em formações que pouco ou nada contribuem para praticar-pensar outras experiências. Que sigamos apostando em outros modos de artistar a docência, enquanto um pouco de possível, para não sufocar essas experiências formativas. (Deleuze, 1992, p. 131).

Referências

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Por que estudos culturais?. **Educação & Realidade**, v. 45, n. 2, 2020.





BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024**. Institui diretrizes para a formação de professores da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 maio 2024. Seção 1. Disponível em:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-4-de-29-de-maio-de-2024-563084558>. Acesso em: 21 jul. 2025

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2/2019, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura). Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file> Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em 20 jul. 2025.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. 1). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 351-367, maio/ago. 2012.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. “NÓS VAMOS SORRIR. SORRIAM!”: com-fabulando currículo e ciência com orgulho para mundos possíveis os quais possamos viver. In: Rodrigues, Ana Cláudia da Silva Rodrigues; HONORATO, Rafael Ferreira de Souza. (org.). **Criações docentes e reinvenções curriculares**. Curitiba: CRV, 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Conversas complicadas no Ensino de Química: Manifesto por um Currículo [Marielle] “Franco”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 9, n. 2, p. 221–241, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73679>. Acesso em: 21 fev. 2025.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton; BORTOLAI, Michele. Estágio supervisionado em ensino de química durante a pandemia de covid-19: ainda é possível apostar nas narrativas? In: PETRUCCI-ROSA, Maria Inês; SEAL, Ana Gabriela de Souza;



OLIVEIRA, Paola F. G. Meneghin de Oliveira (Orgs.). **Práticas Curriculares e Narrativas Docentes: ampliando contextos**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 147-160.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. **Aventuras do contar(se): narrativas da formação de professores de química à distância**. 198 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOURA, João Henrique Cândido. Entre memórias e histórias de vida docente: uma narrativa da Licenciatura em Física do IFSP. In: PETRUCCI-ROSA, Maria Inês; SEAL, Ana Gabriela de Souza; OLIVEIRA, Paola F. G. Meneghin de Oliveira (Orgs.). **Práticas Curriculares e Narrativas Docentes: ampliando contextos**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 277-293.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. p. 116.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. Práticas Curriculares na Formação Profissional - uma compreensão singular para as narrativas como forma de transgressão. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 52, p. 560-577, jun./set. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. E-book.

ZUCCHINI, L.G.C.; ALVES, A.G. R.; NUCCI, L. P. A contrarreforma da formação de professores no Brasil: BNC-Formação e os retrocessos para a valorização docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e87143, 2023.